

PRÓLOGO

União Soviética, 1942

O padre que celebrou o meu casamento tinha fome, frio e a roupa esfarrapada, mas era desenrascado. Guardara um pedaço de pão bolorento do pequeno-almoço, benzera-o e servira-o como hóstia.

— Repitam os votos depois de mim — declarou, sorrindo.

A minha visão ficou turva, mas proferi os votos tradicionais com os lábios dormentes do frio.

— Aceito-te, Tomasz Slaski, como meu legítimo esposo, e prometo amar-te, respeitar-te e ser-te fiel na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe, diante de Deus, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Sempre encarara o meu casamento com o Tomasz como um raio de esperança, da mesma forma que um marinheiro em mares revoltos fixa o olhar no farol numa costa distante. O nosso amor constituía a minha razão de viver, de persistir todos os dias e continuar a *lutar* durante anos, mas a cerimónia deveria ser um breve interregno no meio de toda a dificuldade e todo o sofrimento. A realidade daquele dia, porém, mostrou-se bastante diferente, e a minha desilusão naquele instante parecia maior do que o mundo.

O plano era casarmos na igreja da nossa terra; nunca ali, a escassos metros das tendas do campo militar e de refugiados de Buzuluk, afastados *apenas* o suficiente para que o fedor de 80 mil almas desesperadas

fosse um pouco menos espesso do que o próprio ar. Claro que o alívio da presença da multidão e do terrível cheiro tinha o seu custo: estávamos ao relento, abrigados pelos ramos de um abeto. Fazia um frio de rachar para um dia de outono e, volta e meia, pesados flocos de neve caíam do céu pardacento para se derreter nos nossos cabelos ou nas nossas roupas, ou então para aumentar o lamaçal debaixo dos nossos pés.

Conhecia os «amigos» presentes há meia dúzia de semanas. As pessoas que um dia tinham sido importantes para mim estavam em campos de concentração, mortas, ou desaparecidas. O meu noivo recusou-se a comungar, um gesto que apanhou o pobre padre de surpresa. Não fiz caso. Apesar de estar ali no meu papel de noiva, trazia no corpo a única roupa que possuía, e por essa altura as rotinas básicas de higiene, como tomar um banho, tinham-se tornado luxos há muito esquecidos. A praga de piolhos que infestara o campo não me poupou, nem ao meu noivo, nem ao padre, nem a ninguém no grupo de convidados. Todos nos coçávamos constantemente, desesperados por apaziguar o interminável suplício.

O choque de tudo aquilo deixara-me apática, o que, bem vistas as coisas, terá sido uma bênção, dado que provavelmente me impediu de chorar do princípio ao fim da cerimónia.

A Sra. Konczal era mais uma das minhas novas amigas, mas caminhava a passos largos para se tornar uma figura querida no meu coração. Estava encarregada dos órfãos, e eu ajudava-a nas tarefas diárias desde a minha chegada ao campo. Quando a cerimónia terminou, separou um punhado de crianças de entre o grupo e lançou-me um sorriso radioso. Ergueu os braços, assumindo o papel de maestro, e, dirigindo aquele coro improvisado, começou a cantar *Serdeczna Matko*, um hino à amada Virgem. Como eu, aqueles órfãos estavam imundos e escanzelados, mas não davam mostras de tristeza. Em vez disso, mantinham os olhos esperançosos fixados em mim, ansiosos por me agradarem. Apesar de só me apetecer chafurdar no desespero da minha situação, a esperança naqueles olhares inocentes sobrepôs-se

à autocomiseração. Forcei-me a partilhar com eles um sorriso confiante e orgulhoso e formulei uma promessa: naquele dia, não verteria mais lágrimas. Se aquelas crianças conseguiam ser generosas e corajosas diante das condições em que se encontravam, também eu seria capaz de o fazer.

Concentrei-me na música e na maravilhosa voz da Sra. Konczal, elevando-se acima de nós num solo magistral. O tom dela era doce, autêntico e desdobrava-se na melodia como se fosse uma espécie de jogo. Oferecia-me algo semelhante a alegria num momento que *devia* ser de felicidade, tranquilidade num momento que *devia* ser de paz, arrastando-me em simultâneo de volta ao encontro da fé que desejava perder.

À medida que a canção prosseguia, fechei os olhos e obriguei-me a afogar o medo e a dúvida, até me sentir capaz de acreditar novamente que cada caco da minha vida tornaria a encaixar no seu devido lugar.

A guerra roubara-me quase tudo, mas *recusei-me* a deixar que abalasse a minha confiança no homem que amava.

CAPÍTULO 1

Alice

O dia está a ser péssimo, porém, por muito mal que tudo me pareça, sei que o meu filho se sente pior do que eu. Estamos no supermercado, a dois ou três quarteirões da nossa casa em Winter Park, Florida. O Eddie está estendido no chão a dar pontapés no ar e a gritar a plenos pulmões. Belisca os braços compulsivamente, e as nódoas negras começam a aparecer. Está também coberto de iogurte porque, vinte minutos antes, quando isto começou, atirou o conteúdo do expositor de iogurtes para o chão e tem à volta dele uma panóplia de embalagens de todos os tamanhos e feitios esmagadas que vão servindo de almofada de amortecimento para as pernas que teima em sacudir. Tem o rosto vermelho do esforço e gotas de transpiração acumulam-se na testa.

Nos últimos anos, o Eddie engordou por causa da medicação. Pesa agora 30 quilos, metade do meu peso corporal, o que significa que não consigo carregá-lo ao colo para o carro, como teria feito noutro tempo. Não digo que as coisas fossem mais fáceis nessa altura, mas este tipo de ataque, num lugar público, seria mais simples de resolver porque podia pegar no meu filho e ir-me embora.

O desastre de hoje ocorreu quando o Eddie chegou ao corredor dos iogurtes. Comparado com os colegas da escola de ensino especial, no que toca a iogurtes, o meu filho até tem um gosto mais abrangente. Come pelo menos dois sabores, morango e baunilha — desde que

o iogurte seja *Go-Gurt*¹. Não pode haver substituições; nem de marca, nem de embalagem, e não vale a pena eu tentar reutilizar tubos usados, porque ele percebe logo.

Tem de ser *Go-Gurt*. Tem de ser de morango ou baunilha. E a embalagem tem de ser um tubo.

Há pouco tempo, alguém na *Go-Gurt* decidiu redesenhar a imagem da marca. O logótipo mudou e as cores estão mais vibrantes. Claro que ninguém na empresa imaginaria que, um dia, a pequena alteração de design levaria uma criança de 7 anos a destruir um corredor de supermercado num ataque de fúria.

Na cabeça do Eddie, a imagem da *Go-Gurt* é a de sempre. Com o novo rótulo, o meu filho deixou de identificar a marca como um alimento que tolera. Ora, ele sabia que vínhamos ao supermercado comprar iogurte. Portanto, quando chegámos e olhou para o extenso corredor dos iogurtes, o Eddie viu muitas coisas diferentes, mas nenhuma que associasse como sendo iogurte.

Tento evitar este tipo de incidente, e por norma mantenho o frigorífico atestado de *Go-Gurt*. Se não fosse pelo facto de a minha avó ter sido internada recentemente, eu teria vindo ao supermercado sozinha, quando o Eddie estava na escola, antes de ele comer os dois últimos tubos e de a minha preocupação «estamos a ficar sem iogurtes e sopa» se converter em «merda, a única coisa que tenho em casa para dar ao Eddie é uma lata de sopa, e o Eddie não come sopa ao pequeno-almoço».

Não sei o que posso fazer em relação a isto, mas, se a *Campbell* decidir um dia mudar o rótulo da sopa de abóbora, escondo-me num canto da casa, enrolo-me em posição fetal, e desisto de viver.

Talvez seja mais parecida com o meu filho do que julgo, porque o *incidente* de hoje deixou-me à beira de um esgotamento. A seguir ao Eddie e à irmã, Pascale, a minha avó Hanna é a pessoa mais importante para mim. Wade, o meu marido, e a minha mãe, Julita, são provavelmente

¹ *Go-Gurt* é uma marca americana de iogurte magro para crianças. É espremido de um tubo diretamente para a boca, em vez de ser comido com uma colher. [N. T.]

a exceção a esta regra, porém, como tenho andado de candeias às avessas com ambos, é assim que me sinto. A minha avó, a Babcia, como sempre lhe chamei, está no hospital. Há dois dias, enquanto estava à mesa na casa de repouso, sofreu o que agora sabemos ter sido um pequeno AVC. Hoje passei a manhã numa autêntica correria — em casa, no carro, na secção dos iogurtes —, tudo para que eu e o Eddie pudéssemos passar algum tempo com ela. Não quero sequer admitir que ando porventura mais frenética porque quero aproveitar o tempo que nos resta com ela. No meio do caos, estou cada vez mais ciente de que não tardarei a perder a minha Babcia.

O meu filho não domina os fundamentos da linguagem, ou não fala, para ser exata. *Ouve* bem, mas isso não significa que compreenda o que lhe dizem. Para o avisar de que hoje não iríamos ver os comboios à estação, como fazemos à quinta-feira, tive de me socorrer de um símbolo visual que ele entendesse. Levantei-me às 5 horas da manhã. Imprimi umas fotografias que tirei no dia anterior no hospital e recortei-as e colei-as no horário dele, logo a seguir ao símbolo para *comer*, o símbolo para *supermercado* e o símbolo para *iogurte*. Escrevi um guião a explicar que iríamos ao hospital visitar a Babcia, mas que ela estaria numa cama e não seria capaz de falar connosco — mas a bisavó estaria bem, e ele está bem, e tudo ficará bem.

Tenho noção de que lhe menti. Não sou ingénua a esse ponto. A Babcia tem 95 anos e as probabilidades de sair do hospital são praticamente nulas. O mais certo é que ela não esteja *nada* bem, mas é o que o Eddie precisa de ouvir, e foi o que lhe disse. Sentei-o com o horário e o guião, e socorri-me de ambos até o Eddie abrir o seu *iPad* e o programa de comunicação que utiliza, uma aplicação de Comunicação Alternativa e Aumentativa, ou CAA, para abreviar. Trata-se de uma ferramenta simples, mas fundamental na nossa vida. Disponibiliza uma série de imagens que representam as palavras que o Eddie não consegue dizer. Ao seleccionar uma imagem, o meu filho é capaz de ter a sua voz. Esta manhã, o Eddie estudou o ecrã por uns segundos e depois premiu a opção *Sim*, para que eu soubesse que ele compreendera o que lera, ou pelo menos parte.

Estava tudo a correr às mil maravilhas até ao momento em que entrámos no supermercado e encontramos as novas embalagens dos iogurtes. No tempo que passou desde então, uma procissão de funcionários e clientes veio ter connosco para expressar a sua genuína preocupação.

«Há alguma coisa que possa fazer?», começaram por perguntar. Eu abanei a cabeça e expliquei que o meu filho é autista, e deixei-os ir à vida deles. Depois, as ofertas tornaram-se mais concretas: «Será que posso ajudá-la a levá-lo para o carro?» Então expliquei que o Eddie não aprecia muito ser tocado, e isto na melhor das hipóteses. Se eu permitisse que um estranho lhe tocasse, a situação só iria piorar. Sei que a maioria das pessoas duvida sempre de que isso *seja* possível, mas não a ponto de arriscarem fazer qualquer coisa por iniciativa própria.

Uma mulher passou por nós com duas crianças sentadas no carrinho de compras, as duas vestidas de igual, muito bem-comportadas e sem dúvida neurotípicas. Enquanto a mulher tentava contornar o meu filho descontrolado, uma das crianças perguntou-lhe o que estava a acontecer. «Nada, querida, este menino só precisa de uma boa palmada», murmurou ela.

Claro, pensei com os meus botões. O Eddie só precisa de uma boa palmada. De certeza que uma boa palmada vai ensiná-lo a lidar com a sobrecarga sensorial e a falar. Se lhe bater, pode ser até que passe a usar a casa de banho por vontade própria, e eu possa esquecer a rotina obsessiva que ponho em prática todos os dias, só para evitar a incontinência dele. Quem diria? Como é que não me lembrei de lhe dar uma boa palmada há sete anos? Então, quando estava prestes a perder as estribeiras com a mulher, os nossos olhares encontraram-se. Detetei uma centelha de piedade nos olhos dela e, claro, o medo. A mulher corou, desviou o olhar e a sessão de compras tranquila com os filhos transformou-se numa corrida para o corredor seguinte.

As pessoas dizem estas coisas para se sentirem melhor numa situação que é, sou a primeira a admiti-lo, constrangedora. Não censuro aquela mulher; quando muito, invejo-a. Quem me dera ser assim, cheia de certezas e moralmente superior, mas sete anos na pele da mãe

de Edison Michaels não me ensinaram outra coisa a não ser humildade. Faço o melhor que sei, e isso não chega na maior parte das vezes, mas é o que é.

O gerente da loja veio ter comigo há uns minutos.

— Desculpe, mas temos de fazer alguma coisa. O seu filho já causou centenas de dólares de prejuízos em produtos. Além disso, os outros clientes começam a ficar incomodados.

— Sou toda ouvidos — respondi, encolhendo os ombros. — O que propõe?

— Não podemos chamar uma ambulância? Isto é uma questão médica, não é?

— E o que acha que os paramédicos vão fazer? Sedar o meu filho com um tranquilizante?

O gerente arregalou os olhos.

— Eles podem fazer isso?

Lancei-lhe um olhar dos meus, e o gerente baixou os olhos. Seguiu-se um silêncio desconfortável, e depois acabei por soltar um suspiro, como se ele me tivesse convencido.

— Chame a ambulância — concordei, mas o sorriso que juntei às palavras deve tê-lo assustado, porque deu um passo atrás. — Vamos ver como é que o meu filho reage. Tenho a certeza de que as sirenes, os uniformes e a presença de mais uns quantos estranhos não vai piorar muito a situação. — Fiz uma pausa e lancei-lhe um olhar perfeitamente inocente. — *Certo?*

O gerente virou-me as costas e foi-se embora a falar sozinho. Em todo o caso, calculo que tenha desistido da ideia porque continuo sem ouvir nenhuma sirene. Em vez disso, tenho funcionários em ambas as pontas do corredor, visivelmente desconfortáveis enquanto explicam a situação aos outros clientes e se oferecem para recolher quaisquer produtos, poupando-lhes o desconforto de se aproximarem do meu ruidoso e incomodativo filho.

Quanto a mim, estou sentada no chão ao lado dele. Quero ser forte, calma, mas tenho os olhos marejados de lágrimas porque, por muito

que isto aconteça, a humilhação é sempre a mesma. Experimentei tudo o que era possível para resolver a situação, e sei que isto só vai terminar quando o Eddie se cansar.

Também sei que não devia tê-lo trazido para o supermercado num dia como este. Não creio que o Eddie compreenda a razão de irmos ao hospital, mas sabe que se passa *alguma* coisa. Como sempre, dou comigo a desejar que ele pudesse frequentar a escola todos os dias da semana, em vez dos dois dias com que tive de me contentar. Se ao menos pudesse tê-lo deixado na escola, ou se tivesse convencido o Wade a ficar em casa com ele.

O meu marido tinha reuniões. Tem sempre reuniões, sobretudo quando a circunstância de *não* ter reuniões implica ficar a tomar conta do Eddie.

— Desculpe...

Levanto a cabeça, cansada, à espera de encontrar outro funcionário a oferecer ajuda. Em vez disso, vejo uma mulher de idade, uma velhota frágil, com olhos cinzentos gentis e um cabelo com um inesperado tom de azul. Cabelo azulado à parte, lembra-me a minha Babcia — baixinha e magra, mas com um estilo muito próprio, certo de dar nas vistas. Traz uma mala espampanante e está vestida da cabeça aos pés com motivos florais, incluindo os sapatos rasos de lona, decorados com um padrão de gerberas. A minha Babcia seria capaz de usar aqueles sapatos. Com 95 anos, ainda se veste com extravagantes padrões florais e rendas. Se as duas se encontrassem, tenho a impressão de que ficariam de imediato amigas. Sinto o coração apertado e a impaciência apodera-se de mim.

Vá lá, Eddie, temos de ir embora. A Babcia está doente e precisamos de ir para o hospital.

A mulher sorri e abre a mala com a postura de quem tem um plano na manga.

— Acha que tenho aqui alguma coisa que possa ajudar? — pergunta, e retira da mala uma série de bugigangas: um balão vermelho, um chupa-chupa azul, um pequeno boneco de madeira e um pião de madeira. Agacha-se junto a mim e espalha os objetos no chão.

Já experimentei a tática da distração e sei que *não* vai resultar, mas comovo-me com a doçura da mulher. Quando fito os seus olhos, encontro empatia e compreensão, mas nenhum vislumbre de piedade. É algo bonito e infelizmente raro de se ver, alguém capaz de compreender a minha situação sem fazer juízos de valor.

Murmuro falsas palavras de agradecimento e alterno o olhar entre ela e o Eddie, enquanto tento discernir se não vou piorar a situação. Os gritos atenuaram-se, pelo menos, e o Eddie observa a mulher com os olhos inchados e molhados. O Eddie ama a Babcia, isso é inegável, e talvez tenha reparado na semelhança.

Aceno com a cabeça, e a mulher pega no balão. O Eddie não reage. Ela pega no boneco e, uma vez mais, a expressão do meu filho não se altera. Tenta o chupa-chupa e o resultado é o mesmo. Já perdi a esperança quando ela pega no pião, e sou apanhada de surpresa quando o choro do Eddie esmorece um pouco.

Carateres hebraicos coloridos decoram os quatro lados do pião, e a mulher passa o dedo sobre cada um. Depois pousa o pião no chão e, com um elegante golpe de pulso, põe-no a rodopiar. Enquanto o pião gira, as cores misturam-se num efeito hipnotizante.

— O meu neto também está no espectro — diz ela, baixinho. — Sei como é difícil. O meu Braden também gosta muito do pião.

O Eddie tem os olhos fixos no pião que continua a girar. Parou de chorar. Resta apenas um soluçar suave.

— Sabe o que dizem os carateres? — Abano a cabeça e ela encarrega-se de explicar. — É um acrónimo. Significa «Um grande milagre aconteceu aqui».

Quero responder que deixei de acreditar em milagres, mas não sei se é verdade porque estou a presenciar um diante do meu nariz. Tirando os ocasionais soluços ou fungadelas, não se ouve um som da parte do Eddie. O pião perde velocidade, oscila, e por fim tomba sobre um lado. O Eddie sustém subitamente a respiração.

— Meu querido, sabes o que isto é? — pergunta a mulher, usando o mesmo tom meigo.

— Ele não fala — tento explicar, mas o meu filho vira-se para mim e escolhe esse preciso momento para vasculhar bem fundo no embaraçoso saco dos seus truques autistas.

— Amo-te, Eddie — diz-me, com uma voz rouca.

A mulher desvia o olhar na minha direção, e tento novamente explicar-lhe.

— Isto... isto chama-se ecolalia... ele consegue dizer palavras, mas não têm significado. Está só a repetir o que lhe digo. É mais ou menos a maneira dele de dizer *mamã*.

A mulher lança-me outro sorriso gentil, pouso o pião junto do Eddie e põe-no novamente a rodopiar. O meu filho observa-o num silêncio fascinado e, pela altura em que o pião tomba pela segunda vez, está completamente calmo. Procuo o *iPad*, abro o programa de comunicação e primo as opções *Terminar* e *Carro*, antes de lhe mostrar o ecrã. Ele endireita-se, levanta-se e fica a olhar para mim.

— Isso, meu querido — diz a mulher. Apanha o pião e entrega-o ao Eddie, murmurando: — Lindo menino, capaz de se acalmar sozinho. A tua mamã deve estar muito orgulhosa.

— Obrigada — digo.

Ela acena com a cabeça, toca-me no braço e prossegue:

— Está a fazer um ótimo trabalho, mamã. Nunca se esqueça disso.

As palavras dela soam-me a um lugar-comum, de início, e conduzo o meu filho para a saída de mãos vazias, exceto pelo tesouro inesperado que recebeu daquela estranha. Sento-o na sua cadeira especial, uma necessidade, apesar do seu tamanho, porque não é capaz de estar sentado e quieto só com o cinto de segurança. Sento-me ao volante e espreito pelo espelho retrovisor. O Eddie observa o pião, tranquilo e sossegado, mas tem a mente a quilómetros de distância, como sempre, e eu estou cansada, como sempre.

Está a fazer um ótimo trabalho, mamã. Nunca se esqueça disso.

Não costumo chorar por causa do meu filho. Amo-o, cuido dele, e nem sequer me permito sentir pena de mim mesma. Nesse aspeto, sou como um alcoólico que não pode beber uma pinga de bebida.

Se sentir pena de mim mesma, é provável que lhe ganhe o gosto e isso irá destruir-me.

Mas a minha avó está no hospital, e a velhota gentil com os sapatos com gerberas surgiu-me como um anjo na minha hora de necessidade. Mas, e se foi a Babcia que a enviou? E se isto foi o seu derradeiro presente, porque está prestes a partir?

É a minha vez de perder o controlo. O Eddie está entretido com o pião, segurando-o em frente ao nariz e rodando-o lentamente, como se estivesse a tentar descobrir como funciona. Começo a chorar, e concedo a mim mesma uns extraordinários oito minutos de choro, porque são os minutos que faltam para as 10 horas e isso significa que devíamos estar no hospital há uma hora.

Quando o relógio do carro assinala a hora certa, paro de chorar. Assim mesmo: limpo-me a fechar a torneira da auto-comiseração. Limpo o nariz, aclaro a garganta e prima o botão da ignição. Assim que o faço, o meu telemóvel emparelha com o sistema do carro. No ecrã junto ao volante, surgem as mensagens de texto que perdi da minha mãe.

Onde estás?

Disseste que estarias aqui às 9 horas. Ainda vens?

Por favor, Alice, liga-me. Aconteceu alguma coisa?

A Babcia está acordada, mas vem depressa porque não sei quando é que vai precisar de dormir mais um pouco.

Segue-se uma mensagem do Wade:

Desculpa por não ter podido tirar o dia. Estás zangada?

E ainda nem sequer chegámos ao hospital. Vai ser um dia longo.

CAPÍTULO 2

Alina

À semelhança do pai, o Tomasz Slaski ambicionava ser médico, mas sempre pensei que ele nascera para contar histórias. Decidi que nos casaríamos no dia em que, como nas mais elaboradas histórias de encantar, o Tomasz me contou que salvara uma princesa sereia no lago enquanto o resto da cidade dormia. Eu tinha 9 anos e o Tomasz tinha 12, mas erámos grandes amigos, e nesse instante decidi que ele seria meu. Ao longo dos anos, o Tomasz acabou por me ver da mesma maneira, como sendo *sua*, e pela altura em que terminei o 7.º ano e os meus pais deixaram de ter condições para me manterem na escola, a presença dele em minha casa tornara-se um hábito regular.

Como a maioria das crianças que conhecia, abandonei os estudos para trabalhar no campo com os meus pais. Por outro lado, ao contrário do que acontecia com essas crianças, nunca me matei a trabalhar. Eu era a filha mais nova, e depois de passar pelas transformações da puberdade, continuei a ser uma rapariga franzina com pouco mais de um metro e meio de altura. Todos na minha família eram altos e fortes, e apesar da curta diferença de idade que me separava dos meus dois irmãos gémeos, 14 meses mais velhos, lá em casa continuavam a tratar-me como uma criança. Nunca me importei muito com isso, desde que significasse que o trabalho pesado ficava a cargo dos meus irmãos.

O Tomasz provinha de uma família com posses. Tendo a faculdade como um objetivo futuro, frequentou o liceu mais tempo do que a maioria das pessoas no nosso distrito no sul da Polónia. Mesmo quando os nossos caminhos divergiram, subia regularmente a colina que separava as nossas casas para estar comigo, e sempre que me visitava encantava a minha família com as histórias mirabolantes da semana.

O Tomasz tinha uma forma de falar que tornava tudo o que dizia plausível. Era assim em criança e em adolescente, e foi essa a característica que me atraiu primeiro na sua personalidade. Abriu o meu mundo para possibilidades infinitas e, como tal, preencheu-o de magia. Se não fosse pelo Tomasz, nunca me teria interrogado sobre o mundo para lá da nossa pequena cidade e, depois de nos apaixonarmos, a hipótese de explorar esse mundo a seu lado era tudo em que conseguia pensar.

Desejava ardentemente que casássemos antes de ele ingressar na Faculdade de Medicina, dado que isso me permitiria mudar-me para a cidade grande. Acima de tudo, não suportava a ideia de nos separarmos, embora esse desespero estivesse em parte enraizado na minha ânsia de abandonar a quinta. A minha casa situava-se nos arredores de Trzebinia, onde o pai do Tomasz, o Sr. Aleksy, tinha o consultório médico. A mãe, Julita, tinha sido professora e morrera durante o parto da irmã mais nova do Tomasz. Eu tinha a certeza de que a minha vida, como ela deveria ser, aguardava por mim no lado de fora do nosso pequeno mundo, mas era-me impossível romper esses limites sem me casar, algo que não podia fazer aos 15 anos de idade. Só me restava esperar que, um dia, o Tomasz regressasse para me vir buscar.

O fim de semana chegou antes de o Tomasz partir, no final da primavera de 1938. O tempo tem esta capacidade de diluir a forma como nos lembramos das coisas, mas existem recordações tão puras que resistem à investida dos anos. Aquele domingo continua fresco na minha memória, talvez um efeito colateral de o ter preservado no coração e de o visitar amiúde, como um filme preferido. Hoje em dia, quando às vezes tenho dificuldade em lembrar-me do dia da semana, ou até perceber onde estou, mantenho a certeza de que sou capaz de recordar

o que aconteceu naquele domingo; todos os momentos, toques, cheiros e sons. Pesadas nuvens cinzentas haviam coberto o céu como um manto espesso. Chovera torrencialmente nos dias anteriores, a ponto de as minhas botas terem ficado irreconhecíveis; se tinha sido por causa dos animais ou por causa da lama, eu não sabia. Apesar de as péssimas condições atmosféricas durarem há dias, naquele domingo, ao entardecer, levantou-se um vento cruel que as tornou ainda mais insuportáveis.

O Filipe e o Stanislaw, os meus dois irmãos, trabalharam o dia inteiro ao frio enquanto eu gozava da companhia do Tomasz no conforto de casa. Sabendo disso, os meus pais insistiram que fosse eu a tratar dos animais antes do jantar. Resisti ferozmente à ideia, claro, até que o Tomasz me pegou na mão e me arrastou atrás dele.

— És tão mimada — declarou, rindo-se.

— E tu pareces os meus pais — resmunguei.

Ele lançou-me um olhar por cima do ombro, ainda a puxar-me pela mão, mas a forma apaixonada como o fez era inegável.

— Bem, talvez. Mas não te preocupes, Alina Mimada. Amo-te como és.

Ao ouvir aquelas palavras, senti uma pontada de orgulho e de prazer que tornou o resto irrelevante.

— Também te amo — respondi, e ele puxou-me com mais força. Por pouco não esbarrámos um contra o outro, e depois roubou-me um beijo.

— És corajoso por me beijares com o meu pai por perto — declarei, sorrindo.

— Não sei se sou corajoso ou se o amor me tornou estúpido — disse ele, lançando um olhar ansioso na direção da casa, só para se certificar de que o meu pai não nos vira. Quando desatei a rir, beijou-me outra vez. — Anda, chega de brincadeiras. Vamos despachar isto.

Não tardámos a concluir a tarefa, e estava na altura de voltarmos para dentro e escaparmos ao mau tempo. Preparei-me para correr direita a casa, mas o Tomasz agarrou-me pelo braço.

— E se subíssemos a colina?

— O quê!? — perguntei, com os dentes a bater. Ele riu-se e eu ri-me com ele. — Tomasz! Eu posso ser mimada, mas tu és louco.

— Alina, *moje wszystko* — disse ele, e foi o que bastou. Resultava sempre, porque aquela expressão carinhosa significava «minha mais que tudo», e sempre que eu ouvia aquilo ficava com os joelhos a tremer. O Tomasz fitou-me, desta vez com um olhar sério. — É a nossa última noite durante uns tempos. Quero estar um bocado contigo antes de nos sentarmos com os teus pais, pode ser?

A colina, uma encosta arborizada, tinha no cume uma longa e estreita faixa de floresta densa e intocada, dado que o declive acentuado e o terreno rochoso impediam o aproveitamento agrícola. Protegia a casa e as terras dos meus pais, e fornecia uma barreira natural entre a nossa existência tranquila e a vida citadina de Trzebinia. Quinze minutos de caminhada separavam o cimo da colina do edifício onde vivia a família do Tomasz e onde o pai tinha o consultório. Nas ocasiões em que o Tomasz escapava de casa para estar comigo, a distância entre os dois pontos era reduzida a oito minutos de corrida.

A colina era o nosso *sítio especial*. Um lugar onde apreciávamos as vistas, e em anos mais recentes, a companhia um do outro. Entre as árvores, tínhamos privacidade. Se nos sentássemos no penedo comprido e achatado situado mais acima, a vasta visibilidade permitia-nos detetar qualquer familiar que subisse a colina à nossa procura, sobretudo a Emilia, a irmã mais nova do Tomasz, que parecia ter um instinto natural para interromper os momentos em que a nossa paixão poderia arder fora de controlo.

Subimos a encosta até alcançarmos o cume e, por essa altura, o dia dera lugar à noite e as luzes de Trzebinia brilhavam lá em baixo no vale. Enquanto ocupávamos o nosso lugar no penedo, o Tomasz pôs os braços à minha volta e apertou-me contra o peito. Ele também tremia, e por instantes ainda pensei que fosse do frio. Fitei-o e ri-me.

— Isto é um disparate. Vamos sair daqui doentes.

Ele apertou-me com mais força, só um bocadinho, e depois encheu o peito de ar.

— Alina, o teu pai deu-nos a sua permissão e a sua bênção para nos casarmos, mas temos de esperar. Daqui a uns anos, terei dinheiro para nos sustentar. Vamos ter tempo para decidir o que vamos fazer, mas quero que saibas: todos os lugares com que tenhas sonhado, eu hei de levar-te a conhecê-los. Nós podemos ter uma boa vida. — A voz do Tomasz ficou rouca. Aclarou a garganta e murmurou. — Eu vou *dar-te* uma boa vida.

Fiquei surpreendida e encantada pela proposta, mas também insegura. Afastei-me um bocadinho e perguntei, cautelosa:

— Como sabes que vais continuar a querer estar comigo, depois de conheceres a vida na cidade grande?

Ele segurou-me o rosto com as mãos e ajustou a sua posição, para que ficássemos frente a frente.

— Tudo o que sei é que não existe um segundo longe de ti em que não sintas a tua falta, e sei que sentes o mesmo. *Isso* nunca vai mudar, aconteça o que acontecer na faculdade. Fomos feitos um para o outro, Alina. Por isso, quer eu vá ao teu encontro, quer tu vás ao meu, havemos sempre de descobrir o caminho de volta um para o outro. Isto é só um intervalo, o tempo que passarmos separados não vai mudar nada entre nós.

Aos meus ouvidos, o que o Tomasz dizia era mais uma das suas histórias incríveis, mas também a antevisão do nosso futuro e a promessa de que o viveríamos juntos. Conseguia visualizá-lo, como se estivesse já a acontecer. Tive a certeza de que me casaria com o Tomasz, que teríamos filhos e envelheceríamos juntos. A intensidade com que o amava deixava-me perplexa, e observar esse amor espelhado nos seus olhos era nada menos do que um milagre.

Eu era a rapariga mais feliz da Polónia, a rapariga mais feliz do mundo por ter encontrado um homem maravilhoso que me amava com a mesma intensidade com que eu o amava. E o Tomasz tinha os olhos verdes mais bonitos que eu jamais vira, a que se juntava um brilho característico, muito próprio, como se apreciase um segredo traquina que só ele conhecia. Puxei-o para mim e aninhei o meu rosto contra o seu pescoço.

— Tomasz — murmurei, derramando lágrimas de felicidade. — Esperaria sempre por ti. Mesmo que não mo pedisses.

Na manhã seguinte, o meu pai levou-me à cidade para me despedir do Tomasz, de partida para Varsóvia. Estávamos oficialmente noivos, um compromisso e um marco que os adultos nas nossas vidas respeitavam e, pela primeira vez, pudemos abraçar-nos na presença dos nossos pais. O Sr. Aleksy carregava a mala do filho, e o Tomasz segurava o bilhete de comboio como se tivesse medo de o perder. Apesar de choramingar copiosamente, a Emilia parecia saída de uma pintura, no seu vestido floral. Eu não conseguia estar quieta. Enquanto aguardávamos na plataforma, dava comigo a ajeitar a lapela do casaco ou as madeixas alouradas do Tomasz.

— Vou dando notícias, e regressarei a casa sempre que puder — prometeu-me.

— Eu sei.

O olhar dele era triste, mas não havia lugar para lágrimas, e eu prometera a mim mesma não chorar até o ver desaparecer. Ele deu-me um beijo na cara e apertou a mão do meu pai, e depois de se despedir do pai e da irmã, pegou finalmente na mala e subiu para a carruagem. Quando veio à janela para nos acenar, os nossos olhares fixaram-se um no outro. Obriguei-me a sorrir até o comboio o arrastar para longe de vista. O Sr. Aleski abraçou-me um segundo e disse:

— Tenho a certeza de que serás uma boa filha, Alina. Mais depressa do que julgas.

— Ela vai ser uma boa irmã — protestou a Emilia, soltando um derradeiro soluço. Fungou ruidosamente e puxou-me dos braços do pai.

Eu não estava habituada a lidar com crianças, mas o carinho que sentia pela Emilia aumentou exponencialmente quando ela me fitou com aqueles olhos verdes brilhantes. Depositei-lhe um beijo na cabeça e abracei-a com força.

— Não te preocupes, pequenina. Vou ser a irmã que tanto desejas. Mesmo enquanto esperamos.

— Ele não queria deixar-te, Alina, e sei que a separação é difícil — murmurou o Sr. Aleski. — Mas o Tomasz sempre quis ser médico, e não podemos impedi-lo de cumprir o seu sonho, pois não? — Fez uma pausa, aclarou a garganta e acrescentou: — Prometes que nos vais visitar?

— Claro que sim — assegurei.

Havia uma tristeza indisfarçada no olhar do Sr. Aleski. Ainda por cima, ele e o Tomasz não podiam ser mais parecidos. Ambos tinham os mesmos olhos verdes, os mesmos cabelos alourados, a mesma constituição física. Presenciar a tristeza do Sr. Aleski era como estar a ver o Tomasz triste num futuro distante. Como não conseguia lidar com aquilo, abracei-o outra vez.

— O senhor faz parte da minha família — declarei. O pai do Tomasz sorriu, e a Emilia pigarreou de propósito. — E tu também, minha pequena Emilia. Até termos o Tomasz de volta, tenciono visitar-vos sempre que puder.

O meu pai mostrou-se imperturbável no regresso à quinta. No seu estilo distante, a minha mãe também não se revelou muito recetiva em relação ao meu estado de espírito naquela noite. Quando me fui deitar mais cedo, apareceu à porta do meu quarto.

— Estou bem, mamã — menti, enxugando as lágrimas para não ouvir uma reprimenda. A minha mãe hesitou, mas lá entrou no quarto e estendeu-me a mão. Aninhada na palma calejada, encontrava-se a sua aliança de casamento, o anel de ouro, grosso mas desprezioso, que usava desde sempre.

— Na altura certa, vocês vão casar na igreja da cidade, e o Tomasz vai pôr este anel no teu dedo. Não temos muito para te dar, Alina, mas a aliança era da tua avó e acompanhou-me a mim e ao teu pai durante 29 anos de vida em comum. Nos bons e nos maus momentos, manteve-nos unidos e firmes. Ofereço-ta com o desejo de que te traga a mesma sorte, mas quero que a guardes desde já, enquanto esperas, para que te lembres da vida que tens pela frente.

Terminado o discurso, a minha mãe limitou-se a rodar nos calcanhares e a sair do quarto, fechando a porta atrás de si, certa de que eu continuaria a chorar e de que não queria assistir ao meu pranto. Guardei a aliança numa gaveta da cómoda, debaixo das meias de lã, e todas as noites, antes de me deitar, pegava nela e ficava uns minutos à janela.

Fitava a colina que testemunhara os incontáveis momentos de felicidade com o Tomasz, e apertava a aliança contra o peito, enquanto pedia à Virgem que o mantivesse em segurança e o trouxesse de volta para os meus braços.

CAPÍTULO 3

Alice

O Eddie avista a Babcia mal entramos na ala geriátrica. Larga a minha mão e corre ao seu encontro, ao mesmo tempo que grita: — Eddie, meu querido! Queres comer alguma coisa?

Às vezes penso que a ecolalia é o pior de tudo. A Babcia está sempre a oferecer comida ao Eddie (ou a toda a gente, diga-se de passagem). Por isso, ao vê-la, o Eddie imita-a. Não vem mal ao mundo quando acontece em família, porém, se estamos em público e o Eddie conjura aquele falso sotaque polaco, as pessoas olham para nós convencidas de que o miúdo está a gozar com a bisavó. A enfermeira que verifica a linha de soro franze o sobrolho. Quero explicar-lhe a situação, mas estou demasiado aturdida com o que vejo. A Babcia está sentada na cama, de olhos abertos. Encontrá-la assim devia significar uma grande melhoria em relação ao estado semiconsciente da noite anterior, mas, pela forma como o corpo se afunda nas almofadas, percebo que continua muito fraca.

— Olá, Edison — ouço a minha mãe suspirar quando entro no quarto a par do Eddie. O meu filho olha para a avó e murmura: — Não faças isso, Eddie!

A minha mãe não responde, mas o desagrado é bastante palpável, como sempre acontece quando a ecolalia do Eddie nos recorda de que a frase que mais associa à avó é uma reprimenda. Ela desvia o olhar na minha direção.

— Estás atrasadíssima, Alice. Aconteceu alguma coisa?

Não me sinto culpada quando decido ignorar a minha mãe. A forma como me cumprimentou é uma cortesia e uma crítica disfarçada, ou o que habitualmente faz sempre que abre a boca. Julita Slaski-Davis tem muitas facetas: é maratonista, uma reconhecida juíza, defensora dos direitos civis, ambientalista, uma mulher de 76 anos que não faz tenção de se reformar num futuro próximo. As pessoas dizem-me a toda a hora que a minha mãe é um exemplo a seguir, e percebo por que o dizem, porque é de facto uma mulher impressionante. Só não é uma avó amorosa, e é essa a razão pela qual eu e o Eddie temos uma relação mais chegada com a Babcia do que com a minha mãe.

Ocupo o espaço ao lado do Eddie, junto à cama, e pego na mão da minha avó. Os dedos engelhados estão frios e cubro-os com a outra mão, a fim de os aquecer um pouco.

— Babcia... — sussurro. — Como te sentes?

Ela responde com algo que é mais um grunhido do que uma palavra, e procura os meus olhos com um olhar aflito. A minha mãe solta um suspiro impaciente.

— Se tivesses chegado mais cedo, por esta altura saberias que a tua avó está acordada, mas acho que não consegue ouvir o que lhe dizemos. E estas *enfermeiras* também não sabem nada. Estou à espera do médico, para ver se alguém me diz o que se passa.

A enfermeira ergue a sobranceira, mas não olha nem para a minha mãe nem para mim. Se olhasse para mim, lançava-lhe um olhar a pedir desculpa, mas a enfermeira parece apenas preocupada em terminar o trabalho e abandonar o quarto o mais depressa possível. Faz um último ajuste ao regulador do soro e dá uma palmadinha no braço da minha avó, a fim de lhe chamar a atenção. A Babcia vira o rosto na sua direção.

— Pronto, Hanna — diz a enfermeira, num tom doce. — Vou deixá-la com a sua família. Se precisar de mim, é só chamar-me.

Mal a enfermeira vira as costas, o Eddie empurra-me para agarrar na mão da Babcia. Assim que lhe faço a vontade, ele acalma-se. Desvio

o olhar para a Babcia e ela sorri para o Eddie. Aos meus olhos, a minha relação com a Babcia sempre foi especial. A minha avó tomou conta de mim durante largos períodos da minha infância, porque a carreira da minha mãe estava sempre em primeiro lugar. Em todo o caso, por muito especial que seja, o laço que nos une em nada se compara com o que mantém com o Eddie. Num mundo onde ninguém o compreende, o meu filho sempre teve a Babcia, que não se importa se o compreende e simplesmente o adora como ele é.

Observo-a com atenção, como se o meu olhar me permitisse aferir a extensão dos danos infligidos no seu cérebro.

— Consegues ouvir-me, Babcia? — pergunto, e ela vira-se na minha direção, o sobrolho franzido do esforço que faz para se concentrar na minha pessoa. A única resposta que obtenho é um acumular de lágrimas nos olhos. Lanço um olhar de soslaio à minha mãe, que parece uma estátua com os maxilares cerrados.

— Acho que ela nos ouve — digo.

— Nesse caso, talvez não nos reconheça — responde a minha mãe, hesitante.

— Eddie, meu querido. Queres comer alguma coisa? — diz o meu filho.

A Babcia vira-se e lança-lhe um sorriso cansado, mas radioso. É premiada com um enorme sorriso do Eddie, que lhe larga a mão, atira o *iPad* para cima dos lençóis e começa a tentar trepar pelas grades da cama.

— Eddie! — protesta a minha mãe. — Não faças isso! A Babcia está doente. Alice, não o deixes subir. Isto não é o recreio da escola.

A Babcia, porém, tenta endireitar-se e estende os braços na direção do bisneto, e o gesto é o suficiente para calar até a minha mãe. Baixo as grades e ajudo a desviar o tubo do soro e os restantes fios, para que o meu robusto filho possa sentar-se ao lado da sua frágil bisavó. Devagar e com cuidado, a Babcia desvia-se para arranjar espaço. O Eddie aninha-se ao seu lado e fecha os olhos e, à medida que a Babcia se afunda novamente nas almofadas, ela pouso o rosto sobre a cabeça

dele. Então, é a vez de ela fechar os olhos, ao mesmo tempo que cheira o cabelo do Eddie, como fazemos com um recém-nascido.

— Não há dúvida de que ela reconhece o Eddie — murmuro.

A minha mãe suspira e passa a mão pelos desprezíveis e rígidos cabelos grisalhos. Eu sento-me na cadeira junto à cama e abro a mala à procura do telemóvel. Vejo que recebi outra mensagem do Wade.

Desculpa, Ally, a sério. Diz-me apenas se estás bem.

Sei que estou a ser injusta, mas continuo zangada com o Wade por não me ter ajudado hoje. Contemplo a hipótese de desligar o telemóvel, porém, no último segundo, mudo de ideias e respondo.

Estou a ter um dia péssimo, mas estou bem.

É só passado um bom bocado que somos abordadas por uma mulher de meia-idade, de bata branca, que nos faz sinal para nos juntarmos a ela junto ao balcão das enfermeiras. O Eddie está outra vez entretido com o pião que segura à frente do rosto. Nem sequer reage quando me levanto, e deixo-o estar sossegado.

— Sou a Dra. Chang, a médica da Hannah. Estou aqui para vos informar acerca do seu estado.

A Babcia encontra-se estável, porém, dada a localização do AVC, os médicos acreditam que ocorreram alguns danos nos centros da fala do cérebro. A audição está intacta, mas não responde a pedidos e impõe-se a realização de mais testes. Atrás de nós, ouço a voz robótica do programa de comunicação do Eddie pronunciar a palavra *pião*.

Não estou a prestar muita atenção ao que o Eddie estará a fazer, mas isso não me impede de ficar surpreendida ao constatar que ele foi capaz de descobrir o nome do seu novo tesouro. O programa de CAA contém milhares de imagens que o meu filho pode usar para identificar e comunicar conceitos, mas *pião* é uma palavra que dificilmente constará na secção das mais usadas. Saboreio uns segundos de

orgulho maternal enquanto sou bombardeada pelas más notícias da Dra. Chang: «Os danos poderão ser permanentes; mais testes; a situação não é invulgar; infelizmente, existem fortes possibilidades de uma nova ocorrência; e quais os nossos planos, caso aconteça o pior?»

— *Gosto do pião* — diz o *iPad* do Eddie. — *É a tua vez.*

Desvio o meu olhar para a cama. O Eddie está sentado com as costas encostadas à grade e o ecrã virado para a bisavó. Não sei o que estou à espera de ver, mas sou surpreendida quando a Babcia levanta o braço e, lentamente, leva o dedo ao ecrã.

Eu... também...

Interrompo a médica, agarrando-lhe bruscamente no braço. Ela assusta-se e dá um passo atrás.

— Desculpe — consigo balbuciar. — Veja...

A médica e a minha mãe viram-se a tempo de ver a Babcia premir outra opção no ecrã. A minha mãe sustém a respiração, incrédula.

...gosto... pião.

A Babcia seleciona as opções devagar e com evidente dificuldade, mas é o suficiente para se fazer entender.

Babcia doente?, pergunta o Eddie.

Babcia assustada, escreve ela.

Eddie assustado, escreve o Eddie.

Eddie... está... bem, responde a Babcia. *Babcia... está... bem.*

O meu filho anui e deita-se outra vez com a cabeça pousada no ombro da sua Babcia.

— O seu filho é autista? — pergunta a médica.

— O Eddie está no espectro — corrijo. A terminologia não é importante, longe disso, mas o meu filho é muito mais do que um rótulo. Dizer-se que o Eddie é autista não é o mais correto, porque o autismo é um distúrbio, não quem ele é. Sei que é apenas um jogo de palavras para quem não convive diariamente com esta realidade, e a médica fita-me com o olhar vazio de quem não percebe a distinção entre uma coisa e a outra. — O meu filho não fala — prossigo, com o rosto a ferver. — Usamos um programa de CAA para comunicar.

A minha avó está habituada a usar o programa do Eddie, mas não com esta dificuldade.

— É por causa da mão — alvitra a minha mãe, lançando um olhar dos dela à médica. — Já vos tinha dito que mal consegue usar o lado direito do corpo.

— Eu sei, e estamos a tentar perceber o que se passa — responde a médica. Faz uma pausa e admite: — Não costumamos usar tecnologia com doentes idosos. A maioria não saberia sequer por onde começar. Portanto, por muito difícil que isto seja para todos, a Hanna tem a vantagem de estar familiarizada com o programa de CAA. Vou consultar um colega terapeuta da fala e ouvir o que ele diz. Mas isto é positivo.

— Isto não é *positivo* — reclama a minha mãe. — Não há nada de *positivo* em ter a minha mãe a comunicar através de um maldito *iPad*. Já basta o meu neto. Quando tempo é que o problema vai durar? O que é que tencionam fazer?

— Sra. Julita, nestes casos...

— Pode tratar-me por *Sra. Juíza Slaski-Davis* — corrige a minha mãe, e eu suspiro e viro as costas. A Babcia olha para mim e acena com a cabeça na direção do *iPad*, pelo que aproveito para deixar a médica a braços com o pesadelo de pessoa que é a minha mãe. A Babcia prime a opção *é a tua vez*, e eu retiro-lhe o aparelho das mãos.

Tens dores?, pergunto. Devolvo-lhe o *iPad* e ela percorre as opções até encontrar as imagens certas. Depois, lentamente e com cuidado, diz:

Babcia está bem. Ajuda-me.

Entrega-me o aparelho, decerto ansiosa pela minha resposta, mas não faço ideia do que lhe hei de dizer, tão-pouco como pedir mais informações acerca do que quer de mim. Alterno o olhar entre o ecrã e o seu rosto, cuja expressão suplicante dá lugar à impaciência. Faz-me sinal para lhe devolver o *iPad*, coisa que faço, e torna a percorrer as opções à disposição. Seleciona o ícone de pesquisa e o *iPad* diz *procurar*, mas depois continua a percorrer os menus. Estreita os olhos e comprime os

lábios. Gotas de transpiração formam-se na testa enrugada. O tempo passa e as bochechas vão ficando vermelhas. Prime o ícone *procurar* até se fartar, e depois resmungo, impotente, empurrando o *iPad* na minha direção.

A frustração é palpável, mas não sei como ajudá-la. A minha mãe continua a fazer a vida negra à Dra. Chang, e o Eddie permanece na cama, agora a empurrar o pião sobre os lençóis como um comboio de brincar. Lanço um olhar desamparado à Babcia, e ela apenas levanta as mãos, como quem diz *não sei*. Demoro uns segundos a percorrer os ícones que o Eddie mais utiliza, mostrando cada um para ver se ajudam. Decorrido um minuto, tenho outra ideia. Abro a aplicação no separador *novo ícone* e, logo a seguir, a Babcia tira-me o *iPad*. Ela escolhe a imagem de um rapaz e começa a escrever. O processo é lento e penoso, pois não utiliza o dedo indicador, mas a lateral dos dedos mindinho e anelar. Precisa de algumas tentativas para formar a palavra corretamente. Quando termina, prime o botão *salvar* e mostra-me o resultado, orgulhosa.

Tomasz.

— Como é que ela está? — pergunta a minha mãe da entrada. Desvio o olhar e descubro que a médica se foi embora, provavelmente para ir à procura de um sítio onde consiga obter uma bebida forte.

— Ela está a usar o *iPad* — respondo. — Perguntou-me...

É então que percebo *finalmente* o que a Babcia quer, e o meu coração afunda-se no peito.

— Oh, não... — murmuro, mas as palavras são inúteis. Se o AVC diminuiu a sua capacidade de comunicar, o que digo não tem significado algum e é como se estivesse a falar com o Eddie. Ela fita-me com os olhos marejados de lágrimas e eu desvio o olhar para o *iPad*. Não sei como lhe hei de dizer que o marido morreu há um ano. O meu avô foi um brilhante cirurgião pediátrico que exerceu a profissão até aos 70 e muitos anos, e depois ainda foi professor na Universidade da Florida. Quando por fim se reformou, com mais de 80 anos, o destino pregou-lhe uma rasteira. Os médicos diagnosticaram-lhe demência e, após

um longo e miserável declínio físico e mental, morreu. — Babcia... o avô...

Ela abana a cabeça e prime outra vez o botão.

Procura Tomasz.

Percorre mais opções. Depois:

Ajuda-me.

Emergência.

Procura Tomasz.

Enquanto desespere por uma maneira de lidar com a situação, a minha avó seleciona outra série de ícones e o *iPad* cospe uma frase sem sentido:

Babcia fogo Tomasz.

As mãos tremem-lhe e tem o rosto contraído numa expressão exasperada, mas existe uma inegável determinação no olhar. Pousou-lhe a mão no braço e, quando ela olha para mim, abano lentamente a cabeça. O seu olhar, porém, revela apenas mais confusão e frustração.

Sinto-me igualmente baralhada e frustrada, e dou comigo furiosa, porque é brutalmente injusto assistir ao que está a acontecer àquela mulher orgulhosa.

— Babcia... — sussurro, mas ela suspira e sacode a minha mão. A minha avó possui uma empatia inesgotável e é capaz de amar como ninguém, mas é também a mulher mais rija que conheço e parece determinada a contornar a minha incapacidade de comunicar com ela. Torna a percorrer as várias páginas de ícones e o rosto ilumina-se um tudo-nada. Uma e outra vez, repete o penoso processo de formar uma frase. A minha mãe sai para beber um café, e resta-me assistir à luta da Babcia para vergar aquele imperfeito meio de comunicação à sua vontade. Às tantas, a tarefa começa a ser mais fácil. Os ícones encontram-se agora ordenados no separador de «ítems recentes», e a Babcia só precisa de selecionar aquilo que quer as vezes que forem necessárias.

Ajuda-me. Encontra... caixa... casa. Quero casa.

Suprimo outro suspiro, pego no *iPad* e respondo:

Babcia hospital. Casa depois.

É o padrão de linguagem que uso com o Eddie e uma lógica que aplico sem pensar duas vezes — *primeiro* isto, *depois* aquilo. Alinhar sequências de eventos numa linha temporal é essencial para o meu filho, incapaz de compreender esta noção sem a ajuda de uma estrutura rígida de instruções e horários. Comunicar através do programa de CAA é desesperadamente restritivo. No caso do Eddie, estou habituada porque nunca tivemos outra opção, e o programa é garantidamente melhor do que nada. Antes de ele ter aprendido a ler e a usar o programa, a nossa vida era uma sucessão de crises originadas pela esmagadora frustração de viver fechado em si mesmo e incapaz de se expressar.

Com a Babcia estou habituada à inesgotável liberdade da comunicação oral, e o programa apresenta-se como um tosco substituto.

A Babcia tira-me outra vez o *iPad* e retoma as suas exigências.

Ajuda-me.

Procura Tomasz.

Casa.

Caixa.

Agora.

Ajuda-me.

Caixa.

Câmara.

Papel.

Babcia fogo Tomasz.

A minha mãe regressa, oferece-me um copo com café e ocupa o seu lugar aos pés da cama.

— Que raio quer isto dizer? — pergunta.

— Não faço ideia — admito.

A Babcia lança-nos um olhar impaciente e repete os comandos. Ao perceber que a nossa reação é a mesma, põe o som do *iPad* no volume máximo e prime novamente o botão. É um truque que aprendeu com o Eddie. O meu filho faz exatamente o mesmo quando não obtém o que quer.

Ajuda-me.

Procura Tomasz.

Caixa.

Câmara. Papel. Caixa.

Agora. Agora. Emergência. Agora.

Procura Tomasz. Agora.

Babcia fogo Tomasz.

— Meu Deus. Esqueceu-se mesmo de que o teu avô morreu — murmura a minha mãe, e lança-lhe um olhar de soslaio. A vulnerabilidade não é a sua imagem de marca, mas reparo na expressão sombria e tenho a impressão de que até vejo uma lágrima ou outra nos olhos. Abano a cabeça. A Babcia está determinada a mostrar-me que não precisa de que eu a recorde de que o meu avô morreu. Por isso, não acredito que seja esse o problema.

Procura Tomasz.

Procura caixa.

Caixa. Procura. Agora. Ajuda-me.

— Espera! — exclama a minha mãe. — A tua avó tem aquela caixa de recordações, lembras-te? Não a vejo há séculos. Pelo menos desde que o teu avô adoeceu e mudámos os dois para a casa de repouso. Ou a caixa está guardada lá em casa, ou é ela que a tem. Achas que é isso? Ela quer uma fotografia do teu avô? Faz sentido, não faz?

— Claro que sim — respondo, e uma onda de alívio suaviza a tensão de músculos que nem sabia que tinha. — Bem pensado, mãe.

— Posso ir procurá-la, se ficares aqui.

— Sim, fico.

Pego outra vez no *iPad*, seleciono a fotografia da minha mãe e o raio do aparelho diz *Avó*. Franzo o sobrolho e apresso-me a mudar a identificação da imagem, mas a Babcia sacode a minha mão e dirige-me um sorriso irónico, como quem diz *não estou bem, minha querida, mas não sou estúpida!* Aliviada diante do seu sorriso, inclino-me para lhe dar um beijo na testa e primo mais uns quantos botões.

Avó procurar caixa agora.

A Babcia suspira de felicidade, prime o botão *sim* e pousa a mão no meu braço. Ainda que não consiga falar, a sua presença e a forma como sempre me orientou ao longo da vida são o suficiente para a ouvir na minha cabeça.

Bom trabalho, Alice. Obrigada.

O silêncio pode ter consequências devastadoras.

Polónia, década de 1940: Alina Dziak sempre soube que haveria de se casar com o seu melhor amigo Tomasz. Aos 15 anos, sonha com o regresso do noivo da faculdade de Varsóvia, enquanto tenta levar uma vida normal perante o avanço da ocupação nazi, que, na sua aldeia, ainda lhe parece muito distante. Porém, a guerra instala-se aos poucos, e Alina vê o seu mundo dividido pelo medo e pelo ódio. Sem notícias de Tomasz e confrontada com a injustiça e a violência que invadem o quotidiano da sua família, Alina desperta para uma realidade mais dura do que alguma vez teria imaginado.

Presente: Alice vê-se a braços com uma relação conturbada com o marido e o filho, ao mesmo tempo que tem de prestar assistência à avó, Hanna, que perdeu a fala devido a um AVC. Com a ajuda do bisneto, Hanna consegue comunicar com a neta, pedindo-lhe que visite a sua terra natal com urgência. Intrigada com o pedido da avó, Alice decide embarcar numa viagem para um lugar completamente desconhecido, onde irá desenterrar memórias que haverão de mudar toda a sua vida.

Intercalando a história da ocupação nazi da Polónia com o ritmo frenético da vida moderna, esta narrativa emotiva e delicadamente trabalhada liga as histórias de duas mulheres numa tapeçaria de perseverança, lealdade, amor e honra.

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-598-5



9 789895 645985

Romance Histórico